



## ENSAIO VISUAL

# NA LAVAGEM DO BONFIM, A FÉ PARA AMENIZAR OS CONFLITOS

*Em Salvador, a primeira capital do País e a cidade mais africana do continente, a festa é patrimônio do povo para render graças às divindades.*

**ATÍLIO AVANCINI**  
**ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA**

A Lavagem do Bonfim reúne todos os anos nas ruas de Salvador, numa quinta-feira de janeiro, cerca de um milhão de pessoas. O dia da festa é considerado feriado informal e é o segundo evento mais popular da Bahia depois do Carnaval. O governo estadual procura investir nas festas populares para ter aumento no fluxo turístico, na economia interna e na popularidade política. A Lavagem do Bonfim integra principalmente a convivência entre duas diferentes matizes religiosas, o cristianismo e as tradições africanas, bem como a interação entre o sagrado e o profano.

O objetivo das fotografias em preto e branco é valorizar a cultura popular e a religiosidade genuína da gente brasileira, revelando a fé, a paz e a cidadania. O desafio estratégico da Lavagem do Bonfim é fomentar o pacto social e promover a responsabilidade do estado baiano e brasileiro para com as políticas públicas e saberes populares. A pesquisa imagética aborda o tema de forma ensaística, fundamentada na “sintaxe do cortejo” de Louis Marin (1994), cujo método

de releitura da festa é contribuição aos estudos culturais e artísticos no contexto latino-americano.

Nos povoados antigos, as festas populares religiosas afirmavam a coesão da comunidade, então centrada em atividades agrícolas e a venerar divindades. As festas, cuja essência é a devoção, são tradições e hábitos que obedecem a duas dimensões da vida humana: o cotidiano e o fora do comum. Como os costumes festivos estão ligados ao tempo, pode-se afirmar a sua ênfase no aspecto transitório e cíclico do viver.

A origem da festa do Bonfim, que ocorre anualmente desde 1755, vem da mescla cultural entre a África, a Europa e a América. O ritual da lavagem corresponde a certas práticas religiosas, como a tradição católica da limpeza interna da igreja - costume ibérico medieval -, inicialmente realizado pelo trabalho escravizado. No estudo de caso da Lavagem do Bonfim, a rua adquire postura conciliatória ao amenizar os conflitos de modo diverso e plural. Manifestado pela fé, convicção,

lealdade e confiança em algo maior, o longo trajeto percorrido a pé de oito quilômetros da igreja Nossa Senhora da Conceição da Praia à basílica Santuário Senhor do Bonfim demarca as buscas populares desde o mérito e penitência até o aperfeiçoamento e encontro com as divindades. As baianas revitalizaram a festa católica de origem portuguesa em homenagem ao Nosso Senhor do Bonfim da Bahia - Jesus Cristo -, que é representado no candomblé por Oxalá.

Há muitas etapas dentro da celebração desse ato de fé, ou seja, uma ordem por trás do aparente caos. A primeira parte da festa - a reunião dos peregrinos - é a expressão do sagrado, realizada no período da manhã, que se desenvolve em 6 etapas: a concentração das baianas, o culto ecumênico, o cortejo com o andor do Senhor do Bonfim, a chegada das baianas, a audição do Hino ao Senhor do Bonfim e a lavagem simbólica. A segunda parte - a dispersão dos peregrinos - é a Festa de Largo profana, onde a igreja é o centro geográfico da comemoração e o entorno da Colina Sagrada é tomado

por barracas de comidas e bebidas, prevalecendo as atividades livres realizadas no período vespertino e noturno.

***A LAVAGEM DO BONFIM TOCA DISTORÇÕES DA SOCIEDADE DIANTE DAS ASPIRAÇÕES DE JUSTIÇA, IGUALDADE E TOLERÂNCIA. A GENTE BRASILEIRA PERCEBE A MESTIÇAGEM COMO OPORTUNIDADE, MAS SEM DEIXAR DE RECONHECER O PRECONCEITO AQUI PRATICADO...***

A festa evidencia a sobrevivência de uma autêntica cultura popular na Bahia. Na tradição secular do cortejo, os peregrinos vestem roupa branca e leve para enfrentar no mínimo três horas de caminhada no calor escaldante do verão tropical. Os andarilhos carregam um sorriso franco; vem do cantar o gesto natural para alegrar as divindades. Ao final do trajeto, os fiéis lotam o Largo do Bonfim, muitos amarram as fitinhas na porta da entrada vazada da igreja ou na grade protetora do adro. Ou também na forma de pulseira, cinto, colar ou elemento protetor para objetos. A fitinha do Bonfim

representa o elo entre o devoto e a fé, seja com o Nosso Senhor do Bonfim ou Oxalá. Expressão de confiança, os fiéis enlaçam três nós e fazem três pedidos, um a cada nó.

Em Salvador, a primeira capital do país e a cidade mais africana do continente, a Lavagem do Bonfim é patrimônio do povo para render graças às divindades. Essa interculturalidade enquadra-se nas relações com o contexto latino-americano, fruto do amálgama entre o cristianismo e as religiões africanas. “Terra onde tudo se mistura e se confunde, ninguém é capaz de separar a virtude do pecado, de distinguir entre o certo e o absurdo, traçar os limites entre exatidão e o embuste, entre a realidade e o sonho.” (AMADO, 2010, p. 48).

Hoje, a liderança das baianas com seus trajes típicos cerimoniais é reveladora. A tradição das baianas faz da água o elemento central de limpeza, purificação e benção dos peregrinos. A Lavagem do Bonfim toca distorções da sociedade diante das aspirações de justiça,

igualdade e tolerância. A gente brasileira percebe a mestiçagem como oportunidade, mas sem deixar de reconhecer o preconceito aqui praticado. O atual reitor da igreja do Bonfim, padre Edson Menezes da Silva, pretende voltar a abrir as portas do templo, fechadas desde 1950.

O fio condutor a integrar essa festa popular é a noção do êxtase religioso. Será por esse fator que a Lavagem do Bonfim sempre foi tolhida pelo poder institucional? De fato, os eventos de rua representam momentos fora do comum na vida dos fiéis, propiciando aproximações com o sagrado. A benção das baianas - a água de cheiro vertida na cabeça e no corpo dos peregrinos - promove a sensação de bem-estar, cura, proteção, transporte para dentro de si e comunhão com as divindades.

Além das bênçãos e práticas mágicas exercidas pelas baianas, evoca-se a alma dos ancestrais ajudando a proteger e purificar o cortejo sagrado e a Festa de Largo profana. O caráter contraditório da festa

aparece nos aspectos visíveis e não visíveis das fotografias. Afinal, crer em algo superior faz parte de toda e qualquer atividade humana. Vale dizer que o povo ao festejar o bom fim celebra uma resistência secular: a vitória da vida na luta cotidiana.

A Lavagem do Bonfim representa momentos de refúgio na vida dos fiéis, propiciando identidade e mestiçagem cultural. País com maioria negra, a água de cheiro ameniza os conflitos para sublimar as dores que advém desde os períodos de colonização e escravidão. A festa existe há quase três séculos, hoje pode-se metaforizar que a “segunda abolição” ainda está em processo de ter um bom fim: incorporar a população negra à sociedade. A cidadania ainda é a maior dívida histórica brasileira.









PROJETO SONHO DO AMANHÃ  
CENTRO DE APRENDIZAGEM  
CEAPSA

PROJETO SONHO DO AMANHÃ  
CENTRO DE APRENDIZAGEM

PROJETO SONHO DO AMANHÃ  
CENTRO DE APRENDIZAGEM























ENJOY TEE-SHIRTS  
ASSUV







## REFERÊNCIAS

AMADO, J. *O sumiço da santa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AVANCINI, A. *Lavagem do Bonfim*. São Paulo: Alameda, 2016.

\_\_\_\_\_. A interculturalidade da Lavagem do Bonfim da Bahia. *Revista V!rus*, v. 22, p. 170-181, 2021.

\_\_\_\_\_. Correspondências entre duas festas populares: Gion Matsuri e Lavagem do Senhor do Bonfim. *Colección Aladaa Internacional*, Lima, documento 1, p. 408-427, 2021.

GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MARIN, L. *De la représentation*. Paris: Seuil & Gallimard, 1994.

SERRA, O. *Águas de rei*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TEIXEIRA, C. Nosso Senhor da Bahia: um culto em dois tempos. *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, n. 44, p. 103-117, nov. 2000.

## ATÍLIO AVANCINI

Fotógrafo e professor associado da ECA-USP. Autor dos livros *Atílio Avancini* - coleção artistas da USP n. 15 (Edusp, 2006), *Entre Gueixas e Samurais* (Edusp/Imprensa Oficial, 2008) e *Lavagem do Bonfim* (Alameda, 2016). As fotografias autorais em preto e branco aqui apresentadas são imagens de sete festas, realizadas entre 1994 e 2009, publicadas no livro *Lavagem do Bonfim*.